

“A Gente Escolhe Amar”:
o noivado e as representações sobre o cônjuge ideal
“La Gente Elige Amar”:
el noviazgo y las representaciones sobre el cónyuge ideal
“We Choose Love”:
engagement and the representations about the ideal spouse

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar

Resumo: a escolha do cônjuge é fenômeno moderno e está associada às transformações vivenciadas pelos indivíduos no âmbito íntimo e familiar. Neste sentido, no presente trabalho são analisadas trajetórias socioafetivas de noivos em processo de casamento, extraídas dos resultados de pesquisa mais ampla que resultou na dissertação “Entre a regra e as estratégias: uma análise antropológica sobre a escolha do cônjuge”, realizada junto ao Curso de Noivos da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré em Belém, capital do Pará. Por meio de entrevistas e observações, constatou-se que a representação do cônjuge ideal é parte de um longo processo de tipificação social decorrente das trajetórias socioafetivas dos indivíduos.

Palavras-chave: noivado, escolha, cônjuge, representação.

Resumen: la elección del cónyuge es un fenómeno moderno y está asociada a las transformaciones vividas por los individuos en el ámbito íntimo y familiar. En este sentido, el presente trabajo analizará trayectorias socio-afectivas de prometidos que están en proceso de bodas, extraídas de los resultados de una investigación más amplia que resultó en la tesina “Entre la regla y las estrategias: un análisis antropológico sobre la elección del cónyuge”, realizada junto al Curso de Prometidos de la Parroquia de Nuestra Señora de Nazaré en Belém, capital de Pará. A través de entrevistas y observaciones, se constató que la representación del cónyuge ideal es parte de un largo proceso de caracterización social decurrente de las trayectorias socio-afectivas de los individuos.

Palabras claves: noviazgo, escoja/elección, cónyuge, representación.

Abstract: choosing a spouse is a modern phenomenon and is associated to the changes that have taken place in family life recently. The present paper analyzes data collected for the author's masters' dissertation research and focus on the socio affective trajectories of the engaged couples preparing for marriage in the Marriage Preparation Courses at the Lady of Nazareth Parish, in Belém, the Capital City of Pará, in Northern Brazil. Data collecting procedures included interviews and observation. It was found that representations of the ideal spouse are part of a long process of social typification resulting from socio affective trajectories of the participants.

Keywords: engagement, choice, spouse, representation.

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar é Antropólogo (PPGCS/UFGA), etnógrafo do Museu Paraense Emílio Goeldi, professor e pesquisador da FUNBOSQUE, membro das Associações Brasileira e Portuguesa de Antropologia. E-mail: brenoedai@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Tema frequente entre demógrafos, de modo geral, a escolha do cônjuge é um objeto de estudo muito importante para as ciências sociais,

¹ Representando os valores supremos da “cultura moderna ocidental”, o individualismo enquanto categoria deve ser aqui compreendido como o exercício de uma subjetividade pautada no desejo de liberdade. Baseando-se na noção de “igualdade natural” e na concepção de que todas as restrições e desigualdades eram produzidas artificialmente, tendo sido banidas, abririam espaço para o surgimento do homem perfeito na moralidade e na beleza, enfim, o homem em essência (GRUMAN, 2006; DUMONT, 1993; VELHO, 1981).

uma vez que lhe serve de termômetro para avaliar o impacto do individualismo na vida moderna¹, principalmente no que se refere às alterações promovidas no âmbito da família e da intimidade.

O pioneiro nesses estudos foi o inglês Francis Galton, cujos *Essays in eugenics*, publicados no final do século XIX, chamou pela primeira vez a atenção para a soberania das influências sociais sobre as escolhas pessoais (CASTAÑEDA, 2003, p. 911). Porém, a especialização do tema ocorreu a partir da segunda metade do século XX, quando pesquisadores franceses passaram a analisar os efeitos que a morte de 50 milhões de pessoas poderia causar sobre os índices de natalidade e a conseqüente reconstrução dos países afetados pela II Guerra Mundial. Dentre os trabalhos mais destacados neste contexto, está o de Alain Girard que realizou um levantamento pioneiro acerca das condições e circunstâncias sob as quais se dava o casamento na França, analisando as distâncias sociais ou demográficas (grau de homogamia), as atitudes e o número de filhos entre 10.000 famílias. Os resultados obtidos com este estudo (principalmente os publicados em 1964) transformaram Girard na principal referência da então chamada sociologia empírica, sobretudo porque entre suas teses estava a de que a escolha do cônjuge não era uma questão de sentimento, mas essencialmente um “fenômeno social”.

Além de Girard, outros pesquisadores franceses se destacaram ao abordar o tema. Louis Henry em vários artigos (1966, 1968, 1969),

por exemplo, analisou o processo de seleção do cônjuge em meio às perturbações causadas pelas guerras e fenômenos de igual magnitude. Pesquisando a história da constituição dos casais de Vraiville, no interior da França, Martine Segalen e Albert Jacquard, em 1971, aproximaram-se de um viés etnográfico e concluíram que o grau de seletividade conjugal é tão importante que poderia promover o surgimento e o consequente desaparecimento de uma classe social. Por sua vez, Michel Bozon e François Herán, ao longo da década de 1980, deram continuidade às questões levantadas por Girard e lançaram as bases para uma pesquisa cujo foco era os casais que haviam selado união entre 1960 a 1983. Nesse estudo, demonstraram, por meio da análise dos ‘coabitantes não casados’ (categoria que havia sido excluída por Girard em sua pesquisa), a recorrência de novas modalidades de arranjo já existentes na sociedade francesa (Bozon e Herán, 1987; 1988). Anos depois, dos resultados desta pesquisa Bozon concluiu que a escolha do cônjuge ancora-se no jogo de constrangimentos morfológicos, de disposições inconscientes e de finalidades estratégicas, por meio do qual a sociedade, dada sua morfologia e a criação de subconjuntos sociais, cria uma forma de pré-seleção dos indivíduos, determinada pela sua origem social (BOZON, 1991; 1992).

Neste sentido, e em continuidade ao debate sobre a relação entre o imaginário e as práticas, as representações e os comportamentos envolvidos no processo de seleção, identificação e escolha do parceiro com quem se espera/quer casar, no artigo **“A Gente Escolhe Amar”: o noivado e as representações sobre o cônjuge ideal**”, mediante resultados de uma pesquisa², privilegiou-se abordagem sobre a escolha do cônjuge como fenômeno social, analisando-se discursos acerca da trajetória socioafetiva

² Dessa pesquisa, resultou também a dissertação de mestrado **Entre a regra e as estratégias: um estudo antropológico sobre a escolha do cônjuge** (ALENCAR, 2011), na qual foram discutidos os valores, os gostos, as referências e as preferências presentes no processo de encontro e qualificação do cônjuge ideal entre noivos seguidores do catolicismo.

³ Existem vários cursos de noivos oferecidos pelas paróquias de Belém. O Curso de Noivos do qual participei é promovido pela Pastoral Familiar da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré e ocorre todos os primeiros finais de semana do mês (à exceção de Julho, por ocasião das férias, e em Outubro, em razão dos preparativos do Círio de Nazaré) no Centro Social de Nazaré, próximo à Basílica Metropolitana de Belém. Dá-se início às 18h de sexta-feira e neste dia termina por volta das 22h. No sábado se inicia às 14h e finaliza às 18h. Já no domingo inicia às 8h e termina por volta das 12h. Em média são frequentados por cerca de 30 casais, que para realizar o curso devem pagar uma taxa de manutenção de R\$ 25,00 (vinte e cinco reais)

⁴ A teoria do amadurecimento agrega-se aos estudos psicanalíticos, principalmente no que diz respeito à evolução infantil. Segundo Winnicott, o conceito de amadurecimento está associado ao nascimento da consciência no indivíduo. Este conceito associado às anotações obtidas durante a pesquisa, quando usado por meus interlocutores, permitem postular que ao se manifestar o interesse pelo casamento se espera que os pretendidos exerçam um papel que se ajuste ao que pode ser chamado de “status cognitivo”, isto é, estado em que o sujeito é capaz de entender e atribuir o valor correspondente à natureza da relação. Para mais detalhes, ver Santos (2006) e Winnicott (1996).

de 24 frequentadores do Curso de Noivos da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré³, em Belém, capital do Pará.

1. As Tramas da Aliança

Atualmente as pessoas que optam pelo casamento percorrem uma trajetória que, em linhas gerais, pode ser dividida em três etapas: 1. Ficar, onde ocorrem os primeiros contatos e um período de avaliação/reconhecimento do(a) parceiro(a); 2. Namoro, em que pode ou não haver o pedido de namoro seguido de um longo processo de convívio e aproximação sócio-afetiva; e 3. Noivado, quando se dá início aos preparativos para a celebração do matrimônio.

Estas etapas combinam entre si a característica de segmentar a evolução sócio-afetiva do casal, permitindo-lhes avaliar se a mesma deve ou não avançar para “algo mais sério”. Segundo os noivos que participaram desta pesquisa, a seriedade num relacionamento tem haver com o amadurecimento⁴, quer seja do relacionamento ou dos próprios envolvidos.

O “ficar”, considerado por Heilborn (2006) como uma forma de não-compromisso codificado e agregado à classificação das formas de engajamento das pessoas no aprendizado da sexualidade, é onde os parceiros trocam os primeiros olhares e contatos, se conhecem e convivem de maneira informal, sem que haja aí um “relacionamento sério”. Para Lago (2002)

seria a menor forma possível de relacionamento amoroso entre duas pessoas. Entre os entrevistados esse período durou dias ou semanas, não mais que um mês. Também ficou demonstrado que tanto homens como mulheres tomam a iniciativa para iniciar esse primeiro envolvimento.

A segunda etapa é chamada de namoro e é, dentre as três que foram identificadas na pesquisa, a que mais durou – cerca de quatro anos. Não foi identificado um padrão específico para identificar o início do namoro, como se supõe que ocorra com o “pedido de namoro”, mas foi verificado que para estar namorando é preciso que o casal assuma tal relacionamento publicamente, seja andando de mãos dadas ou mudando o perfil nas redes sociais de “solteiro” para “em relacionamento”. Frequentar o círculo de amizades e a residência do parceiro também foram identificados como demonstração de uma relação mais séria. Diferentemente do que ocorre na fase do ficar o namoro é, para os noivos, um envolvimento “mais sério”, por se tratar de um relacionamento onde os parceiros consideram estar preparados para seguir certas rotinas ou obrigações perante o parceiro, como, por exemplo, fazer-lhe companhia ou ser fiel.

O namoro, porém, tal como ressalta Lago (2002), tem sua manifestação caracterizada sobre duas perspectivas distintas, que variam em decorrência da faixa etária dos indivíduos e do tempo de relacionamento do casal. A primeira é particular aos adolescentes e corresponde ao que Thales de Azevedo (1986) descreve a respeito da manifestação inicial da tendência biológica à formação de pares por atração sexual, que se desenvolve entre os seres humanos a partir das mudanças orgânicas da puberdade. A segunda é própria dos noivos que participaram desta pesquisa, pois tendo convivido por longa data (e em alguns casos sendo coabitantes) e possuindo entre 20 e 30 anos, que justificavam o relacionamento não pelo carinho ou afeto recíprocos, mas pelo desejo de casar, demonstrando que o namoro havido entre eles não se tratava de um namoro propriamente típico de adolescentes, onde o envolvimento é julgado como puramente afetivo e não há pretensões futuras, mas de um “namoro pra casar”, no qual o envolvimento é caracterizado pela certeza de que o parceiro se adequa ao objetivo de estabelecer um vínculo oficial e duradouro.

2. O Noivado como Rito de Passagem

⁵ Para Gaudemet (1987) e Molin e Mutembe (1974), o noivado encontra suas bases no direito romano clássico. Representava uma etapa fundadora do casamento, mas não criava obrigações entre os consortes. Com o advento da Igreja Católica, passou-se a assegurar sua publicidade e solidez, não sendo mais permitida sua ruptura. Era acompanhado da entrega de um anel, de presentes e, depois do século IV, de um depósito de noivado, o que posteriormente deu origem ao *dote*, os quais confirmavam a promessa e serviam de garantia para o casamento.

⁶ Não encontrei entre os noivos uma definição objetiva do que seria esta “situação ou amadurecimento”. Boa parte deles, sem distinção de gênero, relaciona este termo à situação financeira, outros a situação afetiva – intensidade do sentimento, qualidade do relacionamento – destacando sempre que o mais importante é não estarem brigando e se envolvendo em desentendimentos ocasionados por traição ou mentiras. O carinho e atenção dedicados ao/a parceiro/a são sempre o “termômetro” – nas palavras de uma noiva – dessa *situação do casal*.

O noivado é a última etapa antes do casamento e se caracteriza por sua peculiaridade ritual⁵. Ainda que considerado “fora de moda” ele resiste e se manifesta através do “pedido da mão”, troca alianças e preparativos para o casamento. Durante sua vigência o namorado que pretende fazer o pedido, sozinho, ou na companhia de amigos, parentes e até mesmo da namorada, passa a visitar com frequência joalherias ou ourives que fabricam ou vendem alianças a fim de encontrar aquela que será trocada com a parceira. Também é um período marcado pelo diálogo sobre a decisão e as reflexões sobre o casamento. O casal se torna mais íntimo e em muitos casos, que não são raros, dá-se início aos primeiros intercursos sexuais.

A origem do interesse pelo casamento se manifesta pela intenção de trocar alianças ou dar um anel como prova de compromisso. Para os noivos esse momento é condicionado pela situação socioeconômica e a maturidade do relacionamento⁶. É levado em conta também, segundo relato das noivas, o fato de que há um momento certo e oportuno em que o pedido de noivado é compatível com a *situação* do casal. Fora o noivado condicional, geralmente ocasionado por uma gravidez não planejada, o casal estabelece o momento ideal para noivar depois que alguns de seus objetivos pessoais

são alcançados, o que envolve geralmente a idade, a aceitação – seguida da vigilância – dos familiares, conquistas pessoais, como aquisição de emprego, escolaridade e estabilidade financeira. Conforme mencionado anteriormente, o noivado ocorre quatro anos após o início do namoro. O noivado em si demora em média cerca de um ano.

Os dados colhidos por meio de formulário também demonstram que o pedido de casamento ainda é considerado uma obrigação do homem. Houve, porém, relatos de que muitas parceiras tomam a iniciativa de estimular o noivo a realizar o pedido. Uma das estratégias para isso está em questionar o parceiro a respeito de seus objetivos em relação ao futuro do casal, o que segundo as noivas, leva em conta o fato de que todo namoro tem um “tempo de vida útil”, algo como “validade” do relacionamento e que, portanto, exige do mesmo uma progressão, evolução, como se fosse uma *etapa* natural do relacionamento.

Por ser considerado um rito de passagem (Van Gennep, 1909 [e de maneira mais detalhada, 1943]), o noivado se caracteriza por sua ambiguidade, onde os sujeitos não são mais namorados, mas também não são marido nem esposa⁷. De acordo com os noivos essa condição lhes retira do “mercado matrimonial”. O uso da aliança na mão direita é a principal característica dessa ambiguidade, sugerindo tanto que eles não estão disponíveis como escolheram oficializar um relacionamento. Sugere ainda, dizia-me um dos noivos, que a pessoa está presa, transmitindo a ideia que a aliança poderia ser associada às algemas usadas por pessoas limitadas em sua liberdade (presidiários).

De fato, tornar-se noivo segundo os mesmos era inserir-se num novo conjunto de valores e comportamentos que lhes impedia de agir sem a vigilância do outro. Assim, frequentar espaços públicos desacompanhados da parceira, como festas, boates, shows, etc. ou andar em companhia de

⁷ Coumoult (2003) usa o termo “mou”, que em tradução livre significa “frouxo”, para representar a *maleabilidade* do rito do noivado, demonstrando que o noivado católico é para a modernidade um rito sujeito a existência incerta, sem codificações jurídicas e litúrgicas, e, por ser considerado uma tradição antiga, ocorre sem maiores questionamentos.

parceiros do sexo oposto, isoladamente ou em grupo, sem o consentimento da noiva, já não eram mais tão tolerados como de costume.

Para os homens esta condição refletia a posse e o controle do noivo por parte da parceira. Amigos e parentes tratavam de usar isto para, de maneira jocosa, insultá-los afirmando: “Virou canoa”, “agora tá usando um bambolê de otário”, “tá amarrado”, “tá na coleira”, “ei teleguiado”, “*game over* pra ti”⁸. Alguns noivos afirmam que foram repreendidos por amigos mais próximos e parentes que, considerando ter passado por tais experiências, alertavam-lhes sobre os riscos uma escolha inoportuna, onde “marinheiros de primeira viagem” normalmente se arrependem, mas não tem coragem de “voltar atrás”. No caso das mulheres, apesar de semelhante conotação, foi possível perceber um prestígio deliberadamente maior em relação ao status de noiva, indicando que o mesmo elevava suas qualidades pessoais e morais.

3. “A Gente Escolhe Amar”

Às vezes quando nos interessamos por alguém surge a curiosidade de saber como e por que isso ocorreu. A tendência é que as pessoas atribuam esse interesse a algum episódio de sua vida, como uma festa, uma fase de carência, em função da proximidade, seja na escola, no trabalho ou da vizinhança, pela admiração em relação ao parceiro, quer pela beleza física ou traços de personalidade, entre outras tantas razões. Por outro lado, essas mesmas pessoas também afirmam que resolveram casar com o seu parceiro porque consideram estar diante da “pessoa certa”, por que “já estava na hora”, por que “ele/a era a sua cara-metade”, por que “esse era o destino de ambos” ou por que “Deus quis assim”.

⁸ Vale notar que a esse respeito Radcliffe-Brown já havia demonstrado em seus estudos que em diferentes culturas estes insultos cumprem a função de estabelecer e manter equilíbrio social num tipo de situação estrutural que é muito particular referente às relações que envolvem casamento. Para saber mais, consultar Radcliffe-Brown (1973,p.137).

Percorrendo a intimidade de casais que passaram por essa experiência é possível afirmar que o mais comum é tornar o acaso a explicação mais contundente para sua escolha. Com o auxílio dos três noivos que foram selecionados para nos guiar neste debate ficará claro que há muitas variáveis presentes na suposição de que é o acaso o responsável pela escolha da pessoa com quem vamos casar.

Fabiane, Aline e Douglas⁹ são servidores públicos do município de Belém e possuem renda média acima de quatro salários mínimos. A idade média deles é de 27 anos e a de seus noivos 25. Não foram os únicos a serem entrevistados, mas foram os mais permissivos em analisar suas trajetórias amorosas. Foram, portanto, escolhidos para esta análise porque, além de possuírem características em comum, como ocupação, renda e faixa etária, apresentaram um material de análise mais rico, em detalhes, clareza e profundidade, sobretudo porque possuem trajetórias familiares semelhantes.

Fabiane nasceu e foi criada no Jurunas, um dos bairros mais tradicionais da cidade de Belém. De origem humilde, sempre estudou. Sua maior frustração era saber que após 26 anos de casamento seus pais haviam decidido se divorciar; Douglas, por outro lado, é maranhense, de São Luiz, a capital do Estado, e, tal como Fabiane, é filho de pais divorciados. Sempre morou com a mãe, mas, depois da aprovação em um concurso público, foi obrigado a se afastar dela para morar em Belém, no Satélite, bairro popular da cidade; Aline, por outro lado, nasceu no Rio de Janeiro e veio para Belém ainda criança, em razão da transferência do pai, que à época era militar da aeronáutica. Sempre morou em Val-de-cães, bairro de classe média, mas quando dos preparativos do casamento se preparava para mudar para Ananindeua, uma cidade da região metropolitana de Belém.

A trajetória afetiva desses três personagens começa na adolescência, entre a escola e a vizinhança, tendo vivido inúmeras experiências afetivas antes de vir a conhecer seus parceiros. Portanto, não eram “marinheiros

⁹ Todos os noivos entrevistados durante a pesquisa tiveram sua identidade preservada, por isso, os nomes citados no texto são fictícios.

de primeira viagem”. A única diferença entre os três é o fato de Fabiane não ter vivido relacionamentos longos antes de casar. Segundo ela pesava o fato de ser muito criteriosa, pois “sempre observava os defeitos, nunca as qualidades. Ai, por exemplo, quando eu entrei na faculdade, eu comecei a namorar um amigo meu. Só que eu via somente as coisas ruins dele. Ai, que eu criei uma barreira, nem suportava mais o menino. Nem queria que ele chegasse perto. Ai eu não conseguia.” Essa característica foi justificada por ela em razão do seu nível de instrução (bióloga com mestrado na área), uma vez que pretendia encontrar seu parceiro no interior do círculo de relações profissionais ou área de formação que atendessem suas expectativas futuras: ascensão social, independência financeira, realização profissional.

Douglas, por outro lado, viveu muitos relacionamentos “por curtição” e na época em que conheceu sua noiva, Diana, estava envolvido com uma namorada de longa data. Ele não admitiu possuir critérios de seleção, mas sugeriu que preferia ficar, namorar, com mulheres de “pernas grossas e bunda empinadinha”, além do que possuísem uma personalidade de mulheres submissas. Enquanto isso, para Aline importava que seu relacionamento possuíse química, ou seja, que seu parceiro fosse suficientemente maduro para lhe agradar afetiva e sexualmente.

Compatibilidade profissional, corpo/personalidade e amadurecimento foram assim os critérios utilizados por meus interlocutores para justificar suas escolhas e a perspectiva de que os cônjuges com quem estavam estabelecendo uma relação duradoura eram parceiros ideais. Entretanto, foi possível constatar que alguns fatores contribuíram para que essas “vontades” ou “desejos”, se assim podemos entender, não se realizaram objetivamente, porque tidas como representações não encontraram na realidade um cenário que se ajustasse ao conjunto de variáveis a elas condicionadas.

Assim, mesmo querendo casar com um homem com o mesmo nível de formação, Fabiane escolheu um de seus alunos. Douglas, entretido que

estava com a ideia de encontrar uma *Amélia* que atendesse suas necessidades sexuais, escolheu Diana, alguém, segundo ele, muito diferente da maioria das mulheres que conheceu. Aline, por sua vez, embora não tenha se surpreendido tanto escolheu para si um vizinho de infância, por quem jura que não daria a mínima se não lhe recordasse tanto a figura do pai – que ela própria não conheceu.

Em linhas gerais, parte dessas contradições está no fato de que invariavelmente as escolhas que estes indivíduos fizeram esteve subordinada ao contexto social em que estavam inseridos e a, ainda forte, pressão exercida pela família e padrões sociais existentes, que além de estabelecer normas de comportamento, também criam códigos de valor e representação em torno do cônjuge ideal.

A seguir poderemos compreender melhor esta constatação percorrendo suas trajetórias pessoais em condições mais objetivas e próximas da realidade que suponho tenham experimentado ao longo deste processo.

Fabiane

Nossa primeira interlocutora é Fabiane, uma filha inconformada com a difícil relação dos pais. Segundo relata,

[...] a relação deles [dos pais] nunca foi um exemplo, por que eles sempre brigaram. Era o tempo todo brigando. Era discutindo. Era uma falta de respeito. Eu sempre dizia assim “de dia a gente briga, a noite a gente se ama”. É por que eles amanheciam brigando, trocando ofensas.

Tal característica influenciou profundamente sua visão de família e relacionamento, que segundo ela lhe afastavam da ideia de casar quando a mesma era adolescente. Anos depois, após conviver com um de seus tios passou a tomar o seu relacionamento como referência positiva, uma vez que, segundo ela, “Vivem [ele e a esposa] como se fossem dois namorados, pois passeiam juntos, se faziam felizes, compartilhavam os problemas”.

É preciso compreender que parte dessa comparação havida entre o casamento dos pais e o do tio surge também de sua ideia a respeito do processo de formação da família. Assim, Fabiane considera que existem dois tipos de relacionamento que levam ao casamento. Por um lado, aquele condicionado por uma eventualidade, como a gravidez, por exemplo, e aquele baseado no planejamento, em que tudo parece dar certo:

Tipo 1:

Por exemplo, a minha mãe. Ela conheceu o meu pai. Ela tinha 20 anos. Veio do interior para estudar. Então o meu pai já era um homem bastante vivido apesar da idade. Ai ela acabou engravidando e acabou casando com ele.

Tipo 2:

Por exemplo, meu tio, irmão do meu pai. Ele primeiro namorou durante uns anos, depois ele noivou, depois ele casou. Ai teve primeiro aqueles dois anos de casamento, pra depois virem os filhos. Hoje eles vivem superbem. Pra mim é um *exemplo de casal*. E como eles se tratam. Por exemplo, os filhos já estão adultos, então eles não vivem em função dos filhos. [...] Ai eu acho que assim que dá certo. Então eu vejo assim que o relacionamento é muito relativo. Não acho que eles representam meu referencial de casamento. Eu os admiro. Eu não fico pensando assim, “Nossa! Eu quero que o meu casamento seja igual ao do meu tio”. Eu sei que não vai ser igual. Pode ser igual, pode ser pior.

Os dois tipos de casamento podem ser considerados, sob o ponto de vista de nossa interlocutora, como aprovável (o do tio) e reprovável (o dos pais), o que nos assegura a constatação de que há sempre uma avaliação positiva ou negativa de outros relacionamentos quando se pretende optar pelo casamento como estilo de vida. Presume-se, no entanto, que tal avaliação se dá no interior do círculo familiar.

Em 2006, quando estava lecionando para estudantes de uma universidade de Belém, Fabiane, que à época também fazia um curso de pós-graduação, conheceu Flávio. Suas expectativas naquele momento eram de se concentrar nos estudos e se qualificar, não dando oportunidade para envolvimento amorosos, e caso houvesse essa possibilidade desejava

encontrar alguém com a mesma formação que a sua e com um nível socioeconômico semelhante ou superior ao seu. Flávio, todavia, era bem diferente de tudo isso. Era aluno, não possuía emprego e ainda morava com a mãe, da qual era responsável, uma vez que a mesma estava passando por grave problema de saúde.

Para Fabiane o seu interesse por Flávio foi despertado no primeiro dia em que o viu em sala de aula.

[...] quando eu me interessei pelo Flávio, foi assim, eu tava chegando pra conhecer a turma, não conhecia nenhum aluno, e acabei o vendo, caminhando em direção à sala. E naquele momento logo, *eu me interessei*. É bem difícil ter esse interesse logo, olhar e me interessar pela pessoa, pelo menos da minha parte, é difícil. Então alguma coisa me chamou a atenção. E para minha surpresa, quando eu entrei na sala ele era meu aluno. Então houve uma empatia, logo desde o início. Era um aluno que sempre levava as coisas lá para o laboratório. Sempre quando terminava a aula ele levava o data-show, cpu. Mas a princípio ficou só nesse interesse meio que... *despretensioso*.

Esse interesse despretensioso evoluiu para uma admiração que se baseava no fato de Flávio ser um homem sério, contrastando, assim, com e a média dos rapazes da sua idade - o mesmo era quatro anos mais novo -, o que era um aspecto fundamental para o caso dela vir a se relacionar com ele afetivamente. Segundo Fabiane, ao contrário dos homens que conhecia, “ele era um rapaz que não ficava falando de mulheres”. A posituação aferida a seriedade pode ser explicada pela projeção negativa que Fabiane fazia em relação aos homens não-sérios associados, em alguma medida, ao pai, que nos seus relatos “bebem”, “procuram raparigas na rua”, “batem na mulher”, “falam palavrões”, “são mal educados”, “destratam os filhos”. Também foi muito importante o olhar que Flávio lhe lançava, pois ao mesmo tempo que revelava seriedade, também lhe permitia ver um homem carente.

Eu não sei por que [...] Não tem nada. Era um olhar diferente. Eu sentia uma *carência* no olhar dele. Eu não sei te dizer se era isso. Mas foi o olho

dele que me chamou a atenção. Não sei te definir, mas foi o olho. E daí a gente começou a conversar e conversar bastante, muito sério, respeita bastante. Até ficava comentando entre os alunos.

O olhar de carência a que se remete nossa interlocutora na verdade justifica o fato de que Flávio estava triste com a situação vivida pela mãe, doente e dependente de sua assistência. O colo, a companhia e esse sentimento de complementaridade entre ambos favoreceram-lhes em sua manifestação de amor recíproco a ponto deles passarem a ver que o relacionamento deveria evoluir para algo mais sério. Esse evento pode ser definido como o centro de referência sobre o qual orbita a origem do envolvimento afetivo entre Fabiane e Flávio que justificou a intenção de casar. Isto por que é a partir do momento em que Fabiane decodifica o olhar de Flávio através de sua história de vida que ela alega ter se envolvido a ponto de supor de que com ele viria a casar.

Há, todavia uma série de considerações que os próprios sujeitos fazem de si que precisam ser avaliadas no tocante a decisão de estreitar os laços afetivos. No caso de Fabiane dois fatores foram fundamentais: a idade e a posição social que ela ocupava na relação.

Mais velha que Fábio quatro anos, Fabiane considera que isto implica numa relação de poder assimétrica em que ela ocupava uma posição privilegiada por se considerar mais segura.

E ele diz que eu sou muito segura, “parece que nada te abala”. *Isso é um critério pra ele.* Ele me vê assim como um porto seguro. Tudo ele consulta. [...] Ele tem uma relação de admiração por mim. Ele admira a minha história de vida. O fato de eu ter uma pós-graduação. Ele fala que eu sou muito inteligente. Então isso pra ele chama muita atenção. Então ele diz “ah, esse é o maior tesouro que eu tenho, ah então eu não posso perder”.

A segurança, um comportamento atribuído as pessoas que se julgam invulneráveis, foi o que alimentou essa representação de si para Fabiane. Logo não era da idade a que estava se referindo, mas a sua representação de geração, que normativamente tende a tornar quem é mais velho experiente

em relação aos assuntos da vida. A posição que ela atribui a si, portanto, deriva eminentemente dos dispositivos de hierarquização elencados por seu meio social, o que a leva à conclusão de que a diferença de idade, a escusa de apontar uma diferença apenas de ordem cronológica e biológica, serviu de fonte para que estabelecesse uma assimetria na relação que possuía com seu parceiro. Disto deriva que, no tocante à suposta posição que acredita possuir na imaginação do parceiro, a idade e o conjunto de símbolos que representa sobre si própria (experiência profissional, grau de instrução, círculo de amizades, emprego, renda, local de moradia) perante o parceiro, indica, na sua visão, ser ela quem arbitrava o relacionamento, estabelecendo uma relação de poder capaz de determinar os rumos e destinos do casal. Ou seja, para Fabiane foi ela quem escolheu ser escolhida.

Douglas

Nosso segundo interlocutor é Douglas, um ludovicense que abandonou o lar para trabalhar em Belém como professor de Educação Física. Seus pais se separaram quando ainda era adolescente em decorrência dos traumas causados pelo falecimento de seu irmão mais velho. A combinação destes eventos é capital para o entendimento da trajetória afetiva de Douglas, uma vez que segundo ele mesmo afirma transformou sua mãe em um dos principais agentes reguladores de sua vida amorosa. A razão para isto está no fato de que após sua saída de casa sua mãe julgava ter perdido “*os homens que tanto amava*”, o que a tornou uma mulher solitária e profundamente vigilante em relação às decisões que ele viria a tomar.

Tal particularidade condicionou Douglas a se afastar de compromissos sérios e relações duradouras, afirmando se envolver afetivamente “apenas por curtição”. A brevidade de seus relacionamentos era prova disso, pois se baseavam em vínculos puramente sexuais, cujo seu interesse se resumia a “coxas grossas e bunda empinadinha” e uma boa dose de submissão.

Quando Douglas conheceu Diana em 2006 logo se interessou por ela, mas descobriu que os estereótipos que havia elegido não se confirmavam em seu perfil.

Naquele momento [em que se conheceram] o amor à primeira vista foi essa questão da empatia, o que a gente sentiu realmente um pelo outro, a atração, atração física, atração pelo que a pessoa realmente é, o que ela demonstra naquele momento. E a questão da intuição é... aquela coisa interna, assim, tu olha uma pessoa – eu pelo menos tenho muito isso, pelo menos com todas as pessoas com as quais me relacionei sentia muito isso – eu vou ter alguma coisa com essa pessoa. Na maioria das vezes isso realmente se concretiza. Não sei explicar o que é, mas talvez seja, *quando tu percebe, a questão do caminhar, como a pessoa se expressa corporalmente, isso faz... isso se manifesta assim, acaba tendo alguma semelhança com o que tu gosta.*

Por mais confuso que lhe tenha parecido, seu interesse por Diana demonstrou que o suposto “amor à primeira vista” surgiu de uma empatia entre eles, que não se manifestou através do corpo, mas por meio de disposições subjetivas. O que significa dizer que a projeção de Douglas em relação à Diana não se confirmava em relação às suas experiências anteriores.

O amor à primeira vista é sempre uma provocação do espírito àquilo que se apresenta diante dos nossos sentidos como algo singular em si próprio. O que o torna transcendente é fato dele compatibilizar-se com os gostos e preferências inconscientemente projetados pelo indivíduo em direção a pessoa amada. Se considerarmos que o gosto representado aqui através do amor à primeira vista resulta de condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existências, poderemos entender que, assim como pensa Douglas, alguém interessante aciona princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas a um objetivo: paquerar, ficar, namorar, casar, transar, fazer ciúme para o parceiro, etc; sem supor que essa intenção consciente de fins resulta da obediência a algumas regras e é coletivamente orquestrada, sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (ver BOURDIEU, 2009, p. 87).

Tendo iniciado uma paquera logo após se conhecerem, Douglas percebeu que seu interesse pela nova parceira era diferente de tudo que já vivera antes. O fato de Diana fazer o mesmo curso que ele, frequentar os

mesmos círculos de amizade e planejar trajetórias pessoais e profissionais semelhantes não só os aproximavam afetivamente como imprimiam significado às escolhas que Douglas estava disposto a fazer. Trata-se de um ponto precisamente comum ao discurso dos noivos presentes neste estudo: o fato da identificação do momento em que se está preparado para iniciar a trajetória para o casamento. Isto não significa que se quer casar, mas os noivos deixam bem claro que há um momento em que casar passa a ser uma opção.

Porém, um detalhe chama atenção a este respeito. Douglas pensou em casar com Diana por que ela era exatamente o oposto do que ele esperava em uma possível esposa. Afinal, ela o colocou contra a parede: “*E aí? Vamo ficar nisso até quando?*”. Em outras circunstâncias Douglas admitiu que ficaria enrolando até onde pudesse. Consciente de que não conseguiria adiar a oficialização do relacionamento como havia feito com suas ex-paqueras, Douglas assume o relacionamento em 2007, não antes de considerar que ao estarem ficando “a gente já estava namorando, só não tinha oficializado, como as mulheres querem ou gostam de... por exemplo, a gente tá noivo, a gente compra um anel, dá pra pessoa, mas ela quer fazer, a questão do jantar, falar pros familiares.” É oportuno afirmar que esta visão corresponde ao duplo significado do relacionamento afetivo em nossa sociedade, pois se por um lado ainda se espera do homem a iniciativa em pedir a mulher, seja em namoro, noivado ou casamento, por outro lado não se admite à mulher uma relação indefinida, cujo significado não lhe atribua o status de namorada, noiva ou esposa.

Namorando Diana, Douglas teve a oportunidade de analisar algumas características que ainda não havia se dado conta quando de outros relacionamentos. Entre eles estavam as características pessoais de sua parceira, que no seu julgamento eram o que a tornava uma pretendente ideal. “A minha noiva tem uma *personalidade* muito forte, muito decidida no que vai fazer” é a principal demonstração disso e me possibilitou compreender as motivações do nosso interlocutor para identificar em sua parceira uma possível esposa.

Personalidade é uma variável muito comum nos discursos sobre a escolha do cônjuge. Aparece como um dado objetivo ligado a manifestação de comportamentos racionais e ao fato de uma pessoa “ter atitude”, “ser decidida” frente a uma situações de tensão ou que lhe são desfavoráveis. Tal como Fabiane, Douglas considera que a personalidade imprimia na conduta da sua parceira um espírito de planejamento que, na sua concepção, era um aspecto muito importante para o casamento vir a dar certo. E isso, segundo ele, deriva de uma particularidade de sua vida familiar: a referência de conjugalidade.

Novamente é a família que serve de modelo para o noivo se decidir pelo casamento. Assim como no relato de Fabiane, Douglas também adverte que o casamento dos pais não era um bom exemplo, seja porque as brigas eram o motivo da infelicidade entre o casal, seja porque eles não haviam se planejado para formar uma família. Coincidentemente, foi também no relacionamento de um cognato, desta vez uma tia, em que Douglas se espelhou para refletir sobre o modelo ideal de casamento que queria para si.

Ela [tia] médica, ele [marido] médico, três filhos, uma vida estável. Os filhos estudando num bom colégio, todas as férias viajando, sempre juntos e tu vê aquele *album* sempre com os cinco e tudo. Aquela coisa acontecendo, vamo dizer, parece que foi programado e que deu realmente certo, e que deu certo. Então quando eu olhava pra família da minha tia e do meu tio, *eu tinha ele como meu exemplo*. Eu falava “*é isso que eu quero*”. E eu sempre usava isso como exemplo pra dar pra minha mãe, por que “eles se conheceram na faculdade, se formaram juntos na mesma turma, foram fazer a residência no Rio de Janeiro juntos, voltaram, se casaram – meu tio era o mais velho, tinha uns 28 anos, minha tia tinha 24, por aí – ai eles foram construíram uma vida, trabalhando, trabalhando, e foram ter filho depois de um certo tempo, esperaram o momento certo e hoje tão aí muito bem de vida. Era isso que eu queria que acontecesse na minha casa, mas não acontecia. Então eles tinham realmente essa questão. *A gente não tem o exemplo em casa acaba procurando fora*, e encontrando realmente fora.

Pode-se constatar com este relato que, tal como o observado na trajetória de Fabiane, a família ocupa um lugar privilegiado na referência

para o casamento, seja porque é um modelo a ser seguido ou por que não o é. Em todo caso, parece que não se vai muito longe em busca de um parâmetro para a vida conjugal, pois nos dois casos observados até aqui são os tios que alimentam a esperança de um casamento feliz. O planejamento também ocupa um espaço importante, pois é entendido como a fórmula de sucesso para a realização das expectativas do casal. Em ambos os relatos esse fato foi um diferencial na relação dos tios, que ao contrário dos pais obtiveram sucesso em seu casamento em razão de uma suposta habilidade no planejamento familiar. Soma-se a isto o fato de que para Douglas o casamento, sendo algo planejado, deveria corresponder a um estilo de vida baseado em conquistas materiais e econômicas. E como *a grama do vizinho parece sempre mais verde*, o casamento que para ele deu certo foi aquele em que a felicidade era algo tido como natural ou uma expressão de que tudo deu certo em razão das semelhanças entre os parceiros.

Tomado pela referência positiva do casamento da tia, Douglas toma a decisão de noivar. O noivado de Douglas, porém foi condicionado pela intriga havida entre sua mãe e os familiares de Diana que criticaram veementemente a atitude do casal em “dormir junto”. Para Douglas, mesmo o noivado podendo ser encarado como uma resposta a uma pressão exercida pelos familiares, o mesmo não figurou como uma obrigação, pois aos seus olhos tratava-se de um caminho natural na relação.

Com ela teve essa questão de estar namorando, primeiro começar a ficar, depois dar o primeiro passo, namorar, já tinha que dar o segundo passo, que é essa questão do noivado, que veio logo, um ano depois do namoro. E aí, um ano e meio depois já veio o casamento. *Quis seguir com ela o padrão fica, namora, noiva e casa.*

Uma vez que o noivado não se deu de maneira espontânea, mas por circunstâncias adversas, assumi-lo foi visto como uma atitude de coragem e insubordinação perante a mãe, que julgava Diana inapropriada para a Douglas. O mesmo recorre ao episódio para demonstrar que sua escolha pelo casamento se deu em razão da personalidade que ele possui, a

¹⁰ A concepção de cônjuge preferencial à qual me refiro fundamenta-se na análise de Lévi-Strauss, ou seja, baseado no princípio de reciprocidade, a noção de escolha presente em seus escritos é delimitada automaticamente por um grupo de parentes (“classe de parentes”) ou pela “determinação de uma relação, ou de um conjunto de relações, que permitem dizer em cada caso se o cônjuge considerado é desejável ou excluído” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.159).

realização afetiva da mulher. Neste contexto o sentido atribuído ao papel do homem é menor, sua relação com o ritual é a de coadjuvante e sua sentimentalidade pouco relevante. Em função disso, o campo de ação do homem diante de *uma decisão como essa* é o de sua própria intimidade. Numa sociedade em que a expressão de sentimentos masculinos é tolhida e ridicularizada, o espaço para a reflexão e questionamento está diretamente ligado ao grau de autonomia que o sujeito adquire em sua relação com os outros. Quanto mais dependente da opinião dos amigos, dos pais, dos familiares ou das revistas especializadas em casamento, mais o homem é tido como inseguro, logo incapaz de assumir compromissos e exercer sua honra como futuro homem do lar. Talvez por isso que Douglas fizesse sempre questão de afirmar que encarou

mesma que aos seus olhos tornaram Diana uma cônjuge preferencial¹⁰. Sendo um tema muito frequente nos relatos que colhi de Douglas, uma vez que simboliza sua trajetória sócio-afetiva a personalidade torna-o um personagem bastante interessante para refletir sobre as emoções no âmbito do noivado.

Como retratei (Alencar, 2011), o noivado, anteriormente assim como o casamento, do ponto de vista da sociologia das emoções, é um ritual profundamente vinculado ao universo feminino, cujos valores e significados refletem a

[...] o noivado como um compro... um compromisso, assim, vamo dizer, tá namorando, mas seria um namoro mais sério. Eu encarei o noivado mais ou menos como isso. Por que a gente noivou, eu tive o gasto somente com as alianças e com o jantar que a gente fez no restaurante em que a gente convidou a família. Mas aí, depois disso, eu acho que a idéia de noivar, e o próprio passo para casar foi amadurecendo.

O fato de Douglas assumir o noivado como compromisso repercutiu no ato de levá-lo a termo como recurso para manter o relacionamento,

muito embora soubesse que essa escolha fosse encontrar obstáculo no descontentamento da mãe e nas condições econômicas para assumir o casamento. Apesar disso, procurou a estabilidade necessária para garantir que iria cumprir com a promessa de casar com Diana. Daí sua migração para Belém, onde acreditava poder encontrar as condições necessários para oferecer-lhe casa e condições que ele julgava adequadas para o casamento.

Assim, é possível pensar que o fato de ter sido aceito por sua esposa, à revelia de ela ter sido maltratada pela sogra, fez Douglas considerar que, além da personalidade e, coincidentemente, o fato de Diana não atender suas expectativas afetivo-sexuais, o casamento com ela o tornaria um homem independente e dono do próprio nariz, mesmo que isso significasse apontá-lo na mesma direção que o da noiva.

Aline

Aline é bióloga e professora. Tendo cedido sua entrevista logo assim que casou relatava estar muito feliz, sendo aquela ocasião a primeira oportunidade para conversar e pensar sobre o que havia acabado de fazer. Diferente dos outros entrevistados, para Aline casar estava nos planos, mas só viria a ocorrer se, durante o relacionamento, houvesse o que ela convencionou chamar de “química”.

Ouvindo suas experiências afetivas pude notar que seu conceito de “química” era muito influente em sua vida pessoal, tendo sido o motivo para Aline ter se afastado de namorados que mesmo interessantes e possíveis candidatos a cônjuges, não correspondiam as suas expectativas afetivas. A principal razão era de que a química possibilitava uma relação amorosa mesmo em situações adversas, como quando seu primeiro namorado, ainda estudante, estava desempregado e “não tinha dinheiro nem para me levar pra tomar um sorvete”, segundo ela relata.

Sugerindo ter mudado de opinião quando encontrou Beto, seu atual marido, Aline se dedicou, ao longo das nossas conversas, a refletir sobre o por quê da química ser uma característica que julgou necessária para vir a se envolver em um relacionamento.

Eu passei por várias fases na minha vida. Em vários momentos eu acreditei em coisas diferentes. Antes eu achava que relacionamento era *a química do olhar*. Via a pessoa e queria ficar com ela e pronto. Hoje não, isso tá muito diferente na minha cabeça, hoje é muito mais do que química. Sabe é conhecer a pessoa. E várias coisas também. Se ela quer trabalhar, se ela quer crescer, se ela é uma pessoa generosa, se ela é uma pessoa companheira, se é uma pessoa fisicamente bonita pra ti, se tem uma família que... assim, a recíproca seja verdadeira. Então hoje tem muitas coisas envolvidas. Eu também aprendi uma coisa de alguns meses pra cá. Que a pessoa com a qual a gente decide casar, a pessoa que a gente decide amar é uma escolha. A gente escolhe amar. Então a gente pode amar qualquer um. E antes eu achava que não, a gente sentia aquilo e não podia evitar. Hoje eu sei que a gente escolhe quem ama.

Associada às sensações provocadas por ações hormonais, feromônicas ou adrenalínicas, a química a que se remete Aline é uma de suas explicações que justificam o interesse pelo que lhe é empático, traduzindo-se nos efeitos sensoriais que se manifestam através do desejo de conhecer o outro. Logo, ao contrário da intuição – que projeta no outro algo de si –, a química encerra uma compatibilidade entre dois sujeitos que se envolvem afetivamente, por meio das carícias, do toque e do contato. Entretanto, o próprio processo de amadurecimento de Aline a fez traduzir (para não dizer substituir) a química como um condicionante para o relacionamento e que se baseia na avaliação da beleza, da generosidade e da aptidão para o trabalho, demonstrando assim que há espaço para os indivíduos reconsiderarem seus valores e projeções a fim de adaptá-los a condições objetivas de vida e existência. Por mais pragmático que possa parecer (e o é), tal consideração nos leva a pensar que o fato de se apaixonar pelo olhar (ver Fabiane), gostar da personalidade (ver Douglas), ou considerar que deve haver química entre o casal, estas representações não justificam a escolha do cônjuge, mas apenas provocam o processo de sua avaliação, uma vez que irão se associar a outras variáveis ao longo da relação.

Outro ponto fundamental que pode ser abordado com a experiência afetiva de Aline está na ocorrência de autoavaliação. Isto por que, assim

como se formula opiniões valorativas acerca do outro, nossa interlocutora admite que também faz considerações acerca de si própria, como em relação ao seus hábitos, gostos, práticas e comportamento no intento de observar se eles se ajustam ou não aos parceiros com quem se pretende estabelecer uma relação. Um exemplo disso é o comportamento sexual, que lhe serviu de referencial para se autoavaliar diante dos parceiros:

Eu sempre digo pras minhas amigas “a gente quer ser a mulher mais gostosa”, mas claro! É o que a gente quer, ser a mulher mais gostosa. Mas não adianta tu fazer um monte de coisa se tu não quer, que tu não tem vontade. Não é nada disso. Breno eu namorei oito anos, eu nunca fiz nenhuma peripécia, e eu o *deixava louco*. Era Deus no céu e eu na terra. Ainda bem que foi a minha primeira experiência, ainda bem que eu aprendi logo que a gente não precisa fazer mirabolâncias. Isso é tudo besteira. “Ah! Aquela mulher que tem o corpo, que rebola, e terêê”. Eu sei que isso *pesa pro homem*, mas o que acontece é que essa mulher que te deixou louco hoje, por que ela tem o corpinho, por que é boa daquele jeito, não vai durar. Essa empolgação não dura, não dura. Tudo isso passa. Tudo isso, eu digo, que não é pra mim. Pra mim é uma coisa sólida, até que a morte nos separe. Tu não pode casar com uma mulher por causa disso, por que isso passa. E se o corpo for lindo, ele vai cair, ele vai cair.

Ora, a reflexão que Aline elaborou a respeito de seu desempenho sexual demonstra que essa variável, ao caracterizar-se como critério a ser avaliado, a torna uma parceira ideal naquilo “que se é bom em fazer ou ser”, o que conseqüentemente a transforma em cônjuge preferencial. Em síntese nossa interlocutora procura deixar claro que se ela foi escolhida é porque condicionou seu parceiro a isto por meio de seu desempenho sexual, o que refuta a ideia de que os indivíduos são sujeitos passíveis, isto é, são escolhidos durante o processo de união conjugal. Na verdade, cada indivíduo lança mão dos atributos que são mais valorizados pela sociedade para tornar-se alvo da escolha de alguém. O conjunto de experiências por que passou Aline prova isso, pois se notabilizaram em transformá-la em uma mulher com olhar apurado para identificar um parceiro que não só atendia suas expectativas pessoais como dava atenção para o que ela julgava ter de melhor.

Foi assim que um vizinho lhe chamou atenção. Era Beto, alguém que Aline já conhecia, mas que nunca havia chamado-lhe atenção por se tratar de um tipo por quem não se interessaria. Para ela o que despertou seu interesse por Beto foi sua insistência em se aproximar dela, isto porque na sua interpretação isso revelava que ele a tinha como alguém especial e pela qual se prestaria a se dedicar em conquistar, mesmo sabendo que Aline ainda tinha namorado.

Somou-se a investida de Beto o fato de Aline não se sentir mais entusiasmada com seu namorado (atualmente ex-namorado), julgando que ele não estava preparado para um relacionamento mais sério. Considerando-se convencida de que podia corresponder a insistência de Beto, Aline passou a considerá-lo como um parceiro interessante. Em sua opinião, o que motivou o surgimento desse interesse foi o contato – emocional e físico – e o fato dela perceber que se encontrava num contexto pessoal e afetivo que lhe sugeria estar apta a um vínculo mais forte e duradouro:

[...] o meu interesse é a partir daquilo que eu conheço. Pronto, conheço, aí aquilo pode me interessar. Como eu não conhecia então eu não tinha interesse nenhum, mas depois... sim. Fisicamente eu achava ele muito charmoso e o jeito dele ... ele era muito prestativo ... muito romântico [*reticente ao falar*], talvez romântico, muito companheiro, isso me fez ficar mais interessada.

[...] *Eu tô num momento da minha vida em que eu já queria casar.* Mas eu não iria forçar uma situação para querer, tanto que eu nunca coloquei essa situação, eu nunca pedi, eu nunca falei de casamento pra ele. Eu nunca falei, por mais que eu já sentisse depois de uns meses pra cá, eu nunca falei.

Note-se que o contexto no qual emerge o sentimento de querer casar é compatível com um maior envolvimento de Beto, um parceiro que, aos olhos de Aline era, além de romântico, companheiro e muito prestativo, mas também “um funcionário público e meu vizinho”, portanto pertencente ao mesmo grupo social e detentor de atributos que o

tornavam interessante para um enlace conjugal. Vale ressaltar que naquele contexto Aline também já encontrava empregada e considerava oportuno um envolvimento que a levasse ao altar (ou ao cartório).

Beto, porém, não representou num primeiro momento alguém que estivesse preparado para casar. Restou a Aline sugerir-lhe que realizasse algumas mudanças de hábito e de comportamento para que eles continuassem juntos. Essa condição imposta por Aline tem haver com o fato de ela julgar que Beto “não tinha tudo aquilo que [ela] queria”, pois “[...] ele era de um jeito bem diferente dos homens que eu gostava de estar. Sempre gostei de homens mais velhos, mais envolvidos com o relacionamento. E ele não era tão assim. Gostava muito de amigos”, segundo Aline relata.

Ora, apesar dos atributos necessários Aline considerava que deveria haver no comportamento de Beto uma postura em relação ao relacionamento que a predispusesse a querer algo mais sério além de um namoro.

Só que nos últimos meses ele também resolveu mudar. Ele também começou a enxergar certas coisas e passou a ficar mais... e aí assim, foi aí que eu decidi que queria casar com ele. Ele ficou mais envolvido no relacionamento. Mais preocupado com a *causa*, mais junto, mais perto, não que ele não fosse assim, mas também ele se preocupava muito com o outro lado.

Para Aline um relacionamento duradouro, conforme sua avaliação do tipo de envolvimento que estava desejando àquela altura, era uma *causa*, ou o motivo pelo qual o seu pretendente devesse se dedicar afim de mostrar-lhe que o relacionamento era, de veras, sério. Seriedade que, conforme podemos perceber ao longo do discurso de Aline, tem o sentido de valorização dos seus sentimentos, ou seja, de sua visão de casamento. Visão que não podemos nos renunciar a analisar, posto ser ela o resultado da interação entre o comportamento de Beto e os valores familiares de Aline produzidos ao longo de sua trajetória pessoal.

De acordo com Aline, um dos motivos que a impediam de se interessar por Beto no começo do relacionamento, apesar de sua insistência, era o fato de que ele bebia muito e vivia saindo com os amigos.

Inicialmente a minha família não gostava dele e... de certa forma, tinha motivos, mas hoje não. [E QUAIS SERIAM OS MOTIVOS PARA SUA FAMÍLIA NÃO APROVAR, DE INÍCIO O RELACIONAMENTO DE VOCÊS?] Bebida. Ele gostava muito de beber, de estar na rua, na roda de amigos, em festas. Às vezes, mesmo acompanhado, mesmo comigo. Ele queria o tempo todo. A gente não tinha um momento reservado, uma coisa mais família, uma coisa mais... Era o tempo todo, essa farra.

Portanto, tão logo mudasse esse comportamento mais fácil seria ser aceito por Aline e sua família. Não podemos esquecer que o interesse em se casar era, a princípio, de Aline, e, conforme ela descreve, Beto, ao contrário do seu ex-namorado, percebeu que suas relações e o fato de não dedicar atenção suficiente a ela, poderiam provocar a ruptura do relacionamento. Ruptura que, como se percebe, não ocorreu por que Beto, segundo Aline, amadureceu.

Tal amadurecimento correspondeu ao que Aline considera ser o ato de ser dedicar a sua causa (casar), mostrando estar em condições de assumir um compromisso sério, não só por que ela assim o determinava, mas por que isso seria a condição objetiva para ele se tornar um cônjuge ideal. O fato de Beto ter “mudado” pode até nos levar a pensar que ele usou de uma estratégia para demonstrar que estava preparado para atender as expectativas de Aline, mas não deixa de ser uma evidência significativa de que, atendendo suas demandas ele também se via investido de uma identidade social que correspondia às expectativas afetivas de sua futura esposa e as representações sociais de sua família.

CONCLUSÃO: Entre a Regra e as Estratégias

Neste estudo adotou-se como objeto de análise o discurso sobre o processo de escolha do cônjuge entre noivos católicos que participaram dos cursos de noivos oferecidos pela Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, capital do Estado do Pará. Com o objetivo de rastrear suas experiências sócioafetiva, o trabalho aponta para a existência de critérios que determinam as expectativas, os imaginários e as representações a respeito da conjugalidade e do cônjuge ideal.

Primeiramente se buscou caracterizar as etapas que precedem o casamento. Foram, assim, identificados três fases: o “ficar”, o namoro e o noivado, que em resumo possuem a característica de servir de referência na avaliação do parceiro e do momento ideal para se estabelecer um vínculo conjugal. Constatou-se que tanto o amadurecimento é a característica fundamental para alcançar tal fim.

As entrevistas com os noivos possibilitaram constatar também que a ideia ou representação do cônjuge ideal é o resultado de um processo de avaliação e comparação que se dá no decorrer das experiências sócioafetiva dos indivíduos. Servindo-se dispositivos de classificação (critérios de seleção), como o corpo e o comportamento, a maturidade ou olhar, eles elaboram tipificações que passam a ganhar uma realidade própria a partir do momento que atendam não só suas expectativas pessoais, mas também as expectativas do grupo a que pertencem. Neste sentido, as pessoas estariam sujeitas a um profundo embate consigo mesmas, procurando analisar se o casamento é uma opção adequada e se a pessoa que estão escolhendo se adapta as suas expectativas.

As alternativas, o gosto e a crença na escolha individual seriam, então, socialmente construídos, em conformidade com os interesses pessoais e coletivos, de tal forma que as escolhas realizadas não são unicamente resultado de decisões calculadas, mas de expectativas atendidas em razão da convergência de valores presentes em seu contexto social.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, B. *Entre a regra e as estratégias: uma abordagem antropológica do processo de escolha do cônjuge*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

AZEVEDO, T. *As regras do namoro à antiga: aproximações socioculturais*. São Paulo: Ática, 1986.

BOURDIEU, P. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOZON, M. Lechoix du conjoint. In: SINGLY, François de. (dir.). *La famille: l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 1991.

_____. Sociologie du rituel du mariage. *Population*, Paris, v. 47, n. 2, p. 409-433, 1992.

BOZON, M; HÉRAN, F. La découverte du conjoint: I. Évolution et morphologie des scènes de rencontre. *Population*, Paris, v. 42, n. 6, p. 943-985, 1987.

_____. La découverte du conjoint: II. Les scènes de rencontre dans l'espace social. *Population*, Paris, v. 43, n. 1, p. 121-150, 1988.

CASTAÑEDA, L. A. Eugenia e casamento. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, Dez./ 2003.

COULMONT, B. Politiques de l'alliance: les créations d'un rite des fiançailles catholiques. *Archives de sciences sociales des religions*, Paris, n. 119, p. 5-27, 2002.

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

GAUDEMET, J. *Le mariage en Occident. Les mœurs et le droit*. Paris: Cerf, 1987, p. 165-170.

GIRARD, A. Le choix du conjoint: une enquête psycho-sociologique en France. *Population*, Paris, v. 19, n. 4, p. 727-732, 1964.

GRUMAN, M. *Individualismo, família e projeto: negociando identidades em casais formados por judeus e não judeus*. Tese (Doutorado em Antropologia), Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2006.

HEILBORN, M. L. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

HENRY, L. Perturbations de la nuptialité résultant de la guerre 1914-1918. *Population*, Paris, v. 21, n. 2, p. 273-332, 1966.

_____. Problèmes de la nuptialité. Considérations de méthode. *Population*, Paris, v. 23, n. 5, p. 835-844, 1968.

_____. Schémas de nuptialité : déséquilibre des sexes et âge au mariage. *Population*, v. 24, n. 6, p. 1067-1122, 1969.

HERTZ, R. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 128, nov./1980.

LAGO, S. P. *Namoro pra casar? Namoro pra escolher (com quem casar)*. 122 f. Dissertação (Mestrado), Curso de Mestrado em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

MOLIN, J.; MUTEMBE, P. *Le rituel du mariage en France du XIIe au XVIe siècle*. Paris: Éditions Beauchesne, 1974.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

SANTOS, E. S. *Winnicott e Heidegger: a teoria do amadurecimento pessoal e a acontecência humana*. 243 f. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2006.

SEGALEN, M.; JACQUARD, A. Choix du conjoint et homogamie. *Population*, Paris, v. 26, n. 3, p. 487-498, 1971.

WINNICOTT, D. W. *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. Madison Connecticut: International Universities Press, 1996.

VAN GENNEP, A. *Manuel de folklore français contemporain*. Paris: Picard, 1943.

_____. *Os ritos de passagem* (1ª Edição 1909). Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, G. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade complexa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.